

Amalgama identitária: nacionalismo, antifascismo y internacionalismo en las Brigadas Internacionales en la Guerra Civil Española (1936-1939).

Jorge C. Fernández

El objetivo de este trabajo consiste en presentar un análisis al respecto de la compleja y a la vez tensa relación entre nacionalismo, antifascismo y internacionalismo en los voluntarios extranjeros que lucharon por la República Española, enrolados en las Brigadas Internacionales. Para muchos combatientes, la lucha contra el fascismo en España era percibida como una etapa “internacional”, continuidad de una lucha “nacional” a ser llevada dentro de cada país. Este discurso expresaba la construcción, por parte de la izquierda, de un nacionalismo antifascista, doblemente impregnado de contenido social y de libertación nacional, como oposición al nazifascismo que transbordaba sus fronteras originarias y asumía cada vez más un espectro “internacional”. No obstante, aunque el antifascismo permitiese la expresión de determinadas voluntades nacionales, por otra parte, no podría permitir que el nacionalismo (en cuanto manifestación ideológica) se superpusiese al antifascismo y al internacionalismo. En este proceso dialéctico de identidades en disputa, los brigadistas desarrollaron una identidad compleja y singular, como resultado de una juxtaposición final de diversas capas identitarias.

Palavras clave: Antifascismo, Nacionalismo, Internacionalismo, Guerra Civil Española, Brigadas Internacionales.

Amalgama identitária: nacionalismo, antifascismo e internacionalismo nas Brigadas Internacionais durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)*.

Nacionalismo vs. Internacionalismo?

A questão do nacionalismo quase sempre se apresentou para a esquerda marxista como uma postura problemática ou, no mínimo, polêmica. Para Benedict Anderson, o nacionalismo tem se revelado uma verdadeira “anomalia” incômoda para a teoria marxista desde o Manifesto Comunista, no qual Karl Marx atribuiu uma distinção “nacional” à burguesia, sendo esta uma classe “mundial”. Para ele, este seria o motivo original que tem levado esta questão a permanecer em segundo plano, inclusive sendo mais evitada do que analisada. De qualquer forma, o fenômeno do nacionalismo em si, apesar de sua visível influência no mundo moderno e contemporâneo, continua sendo um objeto difícil de definir e conseqüentemente de analisar¹.

* Jorge C. Fernández, Historiador -UFRGS. Mestre em História –UNISINOS. Doutorando em História- UFRGS. Este artigo é baseado num sub-capítulo da Dissertação de Mestrado do autor.

¹ ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989, p. 11-12.

Carlos Pereyra, afirma que se está ainda muito distante de um marco epistemológico capaz de *aprehender las formas que el momento nacional gravita en el proceso de construcción de la hegemonía obrera*². Considerou também que, de um modo geral, a dimensão nacional foi subestimada por boa parte dos teóricos marxistas devido a uma visão estreita, baseada em concepções simplistas e adotada em função de uma ideologia puramente classista. Citando Boronov, Pereyra observou que os ideólogos classistas ignoraram interesses nacionais, os quais eram importantes para a classe operária, obscurecendo a consciência nacional, o que prejudicaria os próprios interesses da classe operária. Por outra parte, ele destacou que a dificuldade inicial dos marxistas em reconhecer a amplitude da dimensão nacional estaria vinculada ao fato da idéia de nação haver surgido durante a modernidade como fruto do pensamento burguês.

Na realidade, desde o seu surgimento (por volta de 1830) o nacionalismo, ou melhor, o princípio de nacionalidade esteve intimamente ligado aos fenômenos de cunho radical e liberal, descendentes diretos da agitação jacobina dos tempos da Revolução Francesa que, ao integrar Estado, povo soberano e território, resultara em um novo conceito de nacionalidade entendido como a expressão política de um determinado povo em um território definido e limitado por fronteiras³.

Contudo, essa definição de nacionalismo tornou-se mutável ao ser apropriada por novos atores sociais. A partir de 1870, com o surgimento da Itália e Alemanha e mais uma série de pequenos países nos Balcãs, o mapa político europeu sofreu significativas mudanças e a dinâmica do sistema econômico capitalista atingiu uma fase mais sofisticada de exploração, o imperialismo. Esta nova ordenação econômica levou os países europeus a acirram a disputa por mercados, fossem eles internos ou externos (colônias). Logo, cada país concorrente passava a ser visto como um perigo potencial à nação e assim o “estrangeiro” tornava-se algo ameaçador à integridade nacional. Neste sentido, a política externa dos Estados europeus tornou-se cada vez mais agressiva, colocando em risco o equilíbrio mundial.

Assim, o nacionalismo europeu do final de século XIX, revestiu-se de um caráter xenófobo e passou a vincular-se a ideais reacionários, anti-liberais e adotou uma postura de incentivo ao expansionismo das nações imperialistas. Esta tendência

² PEREYRA, Carlos. **El Sujeto de la História**. Mexico DF: Alianza, 1988, p. 179.

³ HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 31-33.

direitista do nacionalismo encontrou resposta num sentimento geral de descontentamento presente nas populações das camadas médias e inferiores que sofriam o peso inflexivo da crise do liberalismo *fin de siècle*. Contudo, este novo enfoque do nacionalismo, dentro de um viés reacionário, assinalava veementemente o que considerava serem os “culpados” pelas dificuldades enfrentadas por cada nação, leiam-se judeus, capitalistas, republicanos ou socialistas, todos considerados “estrangeiros” ou “internacionais”. Permeados de preconceitos, os nacionalistas de direita apontavam na figura do “estrangeiro” a responsabilidade pelo descalabro geral da sociedade nacional⁴.

O discurso ideológico nacionalista teve reflexos mais efetivos na camada pequeno-burguesa devido à sua capacidade de criação de uma identidade coletiva, geralmente observada através do estabelecimento de uma língua oficial que possibilitava, por exemplo, uma ascensão social dentro do aparelho de Estado, fazendo-as sentir-se partícipe de “algo maior”, essa “comunidade imaginada” que é a nação. De acordo com Benedict Anderson⁵, a nação é uma entidade política imaginada e, como tal, implicitamente limitada e soberana. E, enquanto construção social, também é representada como sendo uma comunidade ligada por laços de fraternidade profunda e horizontal.

No entanto, os ecos do nacionalismo chauvinista também foram ouvidos nas classes populares das grandes nações européias, onde o apelo xenófobo e às vezes racista, combinou-se estranhamente com uma poderosa força mobilizadora que se encontrava presente na gênese do “nacionalismo revolucionário” jacobino: o sentimento de cidadania, caracterizado pela relação cidadão–Estado–território⁶, do cidadão que defende a causa “justa” do seu Estado contra a “barbárie do outro” pela defesa da “sua civilização”, ou quaisquer outros motivos justificados pela classe dirigente do seu Estado⁷.

Porém, a “questão nacional” para as organizações de esquerda continuava a ser um sério ponto de debate. Lembremos que às vésperas da guerra de 1914, socialistas reformistas e revolucionários debatiam ardentemente sobre a participação, ou não, da classe trabalhadora em uma guerra de proporções mundiais. Finalmente,

⁴ HOBBSAWM, Eric J. **A Era Dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1992, p. 31-33.

⁵ ANDERSON, Benedict. Op. cit., p. 14-16.

⁶ HOBBSAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 110.

⁷ Idem, 1990, p. 111-112.

os revisionistas abdicaram da luta de classes e do “internacionalismo” proletário e assumiram, separadamente, uma postura belicista a favor das burguesias “nacionais” dos seus respectivos países. Neste sentido, para grande parte dos socialistas, a Primeira Guerra Mundial revestiu-se oportunamente de um caráter “nacional proletário”⁸, anti-conservador e modernizador democrático. Enfim, impregnados pelo “jacobinismo”, ao que Hobsbawm faz menção.

A crítica a esta postura corresponderia a grupos minoritários de intelectuais revolucionários na social-democracia européia de então. Eram os que mantiveram a concepção da luta de classes e do “internacionalismo” proletário. Entre eles, uma liderança: Lenin. Para a ala esquerda da social-democracia a guerra possuía um caráter inter-imperialista e as classes trabalhadoras deveriam voltar suas armas para os verdadeiros inimigos, ou seja, as classes dominantes de cada nação em guerra⁹. Refutava-se o chauvinismo nacionalista de modo exemplar, o que determinava para alguns setores da esquerda a incompatibilidade entre nacionalismo e revolução social. Durante um bom tempo essa seria a postura “oficial” do comunismo, pelo menos até meados dos anos 30, quando o nacionalismo “esquerdista” voltaria a ser reabilitado, como veremos adiante.

Após quatro anos de guerra na Europa o nacionalismo, independente da vertente, saiu bastante enfraquecido. A fé no espírito revolucionário após a Revolução Russa e uma leitura particular dos acontecimentos mundiais naquele momento, insuflou um otimismo exacerbado nos internacionalistas. Côncios de uma vitória proletária, em 1919, criaram, sob auspícios de Moscou, uma nova internacional, chamada de III Internacional, Internacional Comunista (IC) ou *Komintern*¹⁰. Sua finalidade era unificar e controlar as recém criadas seções nacionais dos partidos comunistas sob sua égide e promover a revolução em escala mundial sob sua direção¹¹.

No entanto, novas condições históricas inter-relacionadas se encarregariam de mudar o perfil inicial da IC. Citemos algumas: as derrotas dos movimentos

⁸ VIGEZZI, Brunello. “A Itália entra na Guerra”. In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1973, p. 540.

⁹ KREMER, Ilya Semyonovich. “O Comintern”. In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1973, p. 995.

¹⁰ Abreviação do alemão *Kommunistische Internationale*.

¹¹ KREMER, Ilya Semyonovich. Op. cit., p. 1000.

revolucionários na Europa durante os anos 20, a divisão ideológica, e a disputa de poder entre os bolcheviques na URSS, o que levou Josef Stalin e os partidários da “revolução num só país” ao governo, além da ascensão do nazi-fascismo, que retomava a xenofobia e o nacionalismo chauvinista como base de seus pressupostos teóricos. Como pano de fundo, o quadro geral da crise mundial do capitalismo em 1929, com seus variados reflexos na sociedade.

O somatório destes fatores alterou as concepções da IC e da URSS, levando ao abandono progressivo da postura esquerdista “revolucionária e internacionalista” e considerou uma possível reconciliação com um nacionalismo de viés esquerdista antes repudiado. Embora Stálin considerasse que a luta nacional era uma luta essencialmente “burguesa”, era o momento das classes subalternas tomarem as bandeiras da burguesia em proveito próprio, tendo os comunistas, em todos os países, passado a advogar oportunamente em favor da causa nacional.

Com a ascensão de Hitler ao poder em 1933 completaram-se as condições necessárias para o ressurgimento efetivo de um nacionalismo de cunho esquerdista. O acirramento da luta ideológica levou à necessidade de oposição ao nazi-fascismo, dotado de um forte componente nacionalista-chauvinista, um antifascismo que tivesse princípios nacionalistas bem definidos¹².

Paradoxalmente, o desenvolvimento de um patriotismo antifascista em cada nação levou, também a um reforço do internacionalismo, já que as lutas desenvolvidas no plano nacional formavam partes constitutivas de uma luta antifascista em escala mundial. A luta antifascista revestiu-se de um duplo conteúdo: transformador social e emancipador nacional¹³. Tratava-se de um movimento transformador da sociedade pela escolha da esquerda como opção político-ideológica e de libertação nacional, pois considerava-se que as nações estavam submetidas às forças “internacionais” do capitalismo e da direita, da qual o fascismo era a vertente máxima. Para as nações dependentes e periféricas como o caso da América Latina, a luta antifascista ainda adquiria simultaneamente um caráter antiimperialista pela

¹² HOBBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 174. É interessante notarmos que o nazi-fascismo, apesar dos seus discursos e chavões ultranacionalistas, possuía também um caráter “internacionalista” (embora dotado de um forte eurocentrismo) ao alinhar diversas frações das direitas “nacionais”, antes dispersas, em torno da luta anticomunista.

¹³ Idem. Op. cit., 1990, p. 176.

identificação do fascismo como uma manifestação do imperialismo¹⁴. Nestas regiões periféricas as populações que ainda não haviam obtido os seus direitos à autodeterminação ou que se encontravam em uma posição subordinada a alguma potência estrangeira, o nacionalismo, além da questão lingüística (como elemento aglutinador da identidade) passou a contar com outros elementos de suporte e apoio ideológico, tais como a religião ou um movimento político de caráter libertador-social. Elementos que, em combinação com o nacionalismo, seriam capazes de fortalecê-lo consideravelmente e mobilizar as nascentes camadas médias e as massas populares locais. Ocorreu então uma verdadeira amálgama entre luta de classes e sentimento nacional, já que as classes dominantes locais apresentam-se como aliadas das forças imperialistas.

Para os marxistas, a grande burguesia dos países dependentes apresentava-se como um elemento “anti-nacional”, devido a sua inserção no sistema de relações sociais. Sem mencionar os vínculos, tanto econômicos quanto ideológicos com as burguesias dos centros capitalistas e a adoção dos modelos e soluções políticas européias ou norte-americanas. Neste sentido, a luta nacional adquiriu um autêntico caráter popular, em que a maioria dos movimentos operários dos países periféricos e dependentes tiveram de inserir a “questão nacional” dentro do seu projeto político na luta por atingir os seus objetivos de classe¹⁵.

Logo, comunistas tiveram também como missão realizar os objetivos “nacionais” como um elemento indispensável para a consecução da etapa “democrático-burguesa” da revolução. Uma vez concluída esta etapa, se avançaria no sentido de propiciar e estabelecer condições objetivas e subjetivas que possibilitassem uma futura e inexorável revolução socialista. Somente uma revolução social propiciaria a criação de uma nação autêntica, onde a maioria da população se sentisse finalmente integrada à sociedade e identificada com o seu Estado nacional.

Concluiu-se que somente com a união das forças progressistas e nacionais de cada país é que se poderia enfrentar e derrotar uma direita internacionalmente articulada. Mas o desenvolvimento dessa luta continuava sendo uma estratégia “internacional” e seu objetivo, a prazo indefinido, sendo a revolução socialista

¹⁴ Era o caso brasileiro. Ver MORAES, João Quartim de. **A Esquerda Militar no Brasil: da Coluna à Comuna**. São Paulo: Siciliano, v. 1, 2 ed., 1994, p. 162-163.

¹⁵ PEREYRA, Carlos. Op. cit., p. 182.

mundial. Assim, a IC no seu VII Congresso em 1935 confirmou a nova linha tática das Frentes Populares Antifascistas. Lembremos que a tática frente-populista consistia em incluir amplos setores e grupos sociais sob a bandeira da luta antifascista e antiimperialista (nos países dependentes), mas construída a partir da base proporcionada pela construção prévia de uma frente única dos trabalhadores, sob direção do “partido do proletariado”, o PC¹⁶.

O caráter “internacional” do fascismo revelou-se claramente para a esquerda quando do envolvimento direto da Itália fascista e da Alemanha nazista apoiando os militares sublevados espanhóis em julho de 1936. A partir desse momento, tornou-se explícito que a guerra civil que se desenrolava na Espanha transbordava a sua dimensão nacional. Não era apenas uma guerra civil, pois passou a ser considerada uma invasão “estrangeira”, resultado de uma intervenção nazi-fascista “internacional”. Deter esta invasão e tudo o que ela representava como o racismo e a barbárie era o dever de todo antifascista, seja qual fosse sua origem nacional. Portanto a causa principal era a luta antifascista, que por um mero acidente histórico travava-se às portas de Madrid¹⁷. No entanto, o que conferia a dimensão internacional era a percepção de que essa luta poderia travar-se, em breve, em qualquer lugar do planeta. Independente de existirem condições reais ou não que permitissem a vitória de algum grupo ou partido para-fascista, o que de fato ocorria era que estes grupos eclodiam de forma alarmante em vários países do mundo.

Portanto, o apelo antifascista encontrou eco e mobilizou milhares de pessoas que, se não tinham condições materiais ou conjunturais de combater o “mesmo inimigo” em seus próprios países, tinham uma chance de fazê-lo na Espanha. Significativo este parecer emitido pelo Comitê Central do PC da Alemanha, então proscrito:

(...) la solidaridad y la lucha de los alemanes enemigos de Hitler por la libertad de España no era solo una manifestación de internacionalismo proletario, sino un deber nacional de cada patriota alemán, pues

¹⁶ DIMITROV, Jorge. **El Frente Único, Vigencia Actual**. México: Cartago, 1983, p. 129 e ss.

¹⁷ HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 175.

*unicamente defendiendo a la República Española se podría salvar al pueblo alemán del peligro de una nueva guerra mundial*¹⁸.

O mesmo transparece no relato do voluntário brasileiro Delcy Silveira:

*Em Montevideu, o grupo de militares [brasileiros exilados] reunido decidiu dar uma ajuda para os espanhóis na luta contra o fascismo. O mesmo fascismo que fundamentava o integralismo, e que estava tão próximo de Getúlio [Vargas], seria nosso inimigo na Espanha (...) era nossa obrigação contribuir para a causa espanhola*¹⁹.

Ou seja, mesmo que a luta antifascista dos voluntários das BI tivesse essencialmente um apelo de solidariedade internacional, não deixou de ter uma característica original básica do apelo patriótico de uma identidade nacional prévia, que os comunistas souberam explorar coerentemente. Uma identidade que adquiriu um duplo caráter (nacional e internacional), e realizou uma complexa síntese entre o patriotismo, o internacionalismo, e um ideal de transformação estrutural da sociedade.

Para Hannah Arendt, o fenômeno das BI assustou a Europa. Não somente pelo preconceito contra quem sai de “seu” país para lutar por “outro” que era (e provavelmente continua sendo) muito forte. Ademais, ela destaca que, a simples vista, poderia parecer que aqueles homens estavam se desapegando das suas nacionalidades originais e adotando uma outra comunidade nacional. Entretanto, como ela mesmo menciona:

Este não era absolutamente o caso. As pessoas sem Estado haviam demonstrado surpreendente teimosia em reter a sua nacionalidade.(...) A Brigada Internacional dividia-se em batalhões nacionais, nos quais os alemães pensavam estar lutando contra Hitler e os italianos contra Mussolini, da mesma forma que, apenas alguns anos depois, na

¹⁸ TEUBNER, H. “Alemania” In: ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS **La Solidariedad de los Pueblos com la República Española 1936-1939**. Moscú: Progreso, 1974, p. 35.

¹⁹ SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira**. POA: 1995. (Entrevista concedida a José Carlos Sebe Bom Meihy, cuja cópia foi cedida por Delcy Silveira a Jorge C. Fernández), p. 27.

*Resistência, os refugiados espanhóis julgavam estar lutando contra Franco, quando ajudavam os franceses contra o governo colaborador de Vichy*²⁰.

O que deve ser destacado aqui é que mesmo que italianos e alemães houvessem perdido seu direito à cidadania, sendo rejeitados pelos seus governos e não reconhecidos como cidadãos pelos seus Estados, eles continuavam a “teimar” em manter a sua nacionalidade, o que indica claramente que o sentimento nacional estava acima do Estado e de meras fronteiras territoriais, além de associar-se genuinamente a movimentos de libertação social.

Assim como Hobsbawm procurou demonstrar ao longo da sua obra sobre os nacionalismos, a identidade nacional não necessita divorciar-se de outras formas identitárias, tais como identidade de classe, religiosa ou mesmo opção política. Muito pelo contrário. A construção de uma identidade nacional consiste também de uma complexa justaposição de outras identidades que se agregam e se sobrepõem, mas mantendo cada uma suas características essenciais.

Portanto, não nos estranham as palavras e a postura do ex-combatente Delcy Silveira ao falar do nacionalismo e do internacionalismo: *Olha, ninguém é mais patriota do que eu: sou nacionalista até a raiz dos cabelos, sempre fui e isso não impede que seja internacionalista! (...) De apoiar aqueles governos que são governos do povo*²¹.

Identidades e Conflito nas Brigadas Internacionais

As BI como instituição político-militar necessitavam de uma identidade própria que representasse o significado da organização e refletisse os princípios ideológicos e teóricos da Frente Popular. Neste processo construtivo foram utilizados diversos elementos simbólicos, alguns preexistentes no imaginário social dos setores populares, mais proclives a integrar as BI. Todavia, outros mitos tiveram de ser criados ou adequados para serem encaixados dentro do perfil identitário desejado pelos “inventores” do antifascismo democrático e das BI, a *Komintern*. Em

²⁰ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 316.

²¹ SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira**. POA: 2001. (Série de entrevistas concedidas a Claudira Cardoso, Daniel R. Milke e Jorge C. Fernández durante o mês de agosto-setembro de 2001, em áudio 420 min.), p. 4.

contrapartida, a implantação desta nova identidade nacional-antifascista nas BI pretendia também a eliminação de resquícios e antagonismos herdados de “ideologias burguesas” e chauvinistas pela direita²², ou do “desviacionismo trotskista” e do “comunismo libertário” dos anarquistas pela esquerda²³. Na prática, observamos que certas contradições insistiam em persistir, apesar dos esforços realizados pelo comando das BI para eliminá-las, ou no mínimo matizá-las.

O nacionalismo de tipo chauvinista era uma das marcas “pequeno-burguesas” que os organizadores das BI temiam e pretendiam apagar das mentes e dos corações dos voluntários internacionais, pois opunha-se frontalmente aos ideais de igualdade e fraternidade entre as nações que constavam como princípios basilares do internacionalismo proletário marxista, incluído na tática do antifascismo. Contudo, parece que certas posturas antagônicas ao discurso antifascista encontravam-se presentes nas mentalidades de membros ou grupos dentro das BI²⁴. Uma vez que a maioria dos voluntários das BI era de filiação comunista ortodoxa, provavelmente estes ainda considerassem o nacionalismo e suas manifestações em geral, como uma “excrecência pequeno burguesa” que deveria ser subordinada ao internacionalismo proletário e a lealdade com a URSS, o único Estado ao qual o proletariado deveria ser devotado. Contudo, como disse Eric Hobsbawm, *diferentes vínculos [de identidade] não representariam exigências incompatíveis*. Ou seja, que um soldado das BI poderia simultaneamente ser um comunista, um operário, um antifascista, e um nacionalista. Porém, não descarta que entre essas identidades houvesse uma relação de tensão ou um conflito. Neste sentido, *os militantes [mais] comprometidos politicamente eram mais sensíveis a tais incompatibilidades*²⁵, o que já implicaria em uma hierarquização e ordenamento vertical das identidades.

Em alguns casos, por vezes o caráter nacional parecia sobrepor-se ao antifascismo. Parece ser o caso dos irlandeses, por exemplo, em que boa parte de seus membros combatera nas fileiras do *Irish Republican Army* (IRA) e estes mantiveram uma certa hostilidade frente aos seus colegas ingleses, com quem

²²EBY, Cecil. **Voluntarios Norteamericanos en la Guerra Civil Española**. Barcelona: Acervo, 1974, p. 53.

²³LONGO, Luigi. **Las Brigadas Internacionales en España**. México DF: Era, 3 ed., 1977, p. 58, 140-43.

²⁴EBY, Cecil. Op. cit., p. 53-55.

²⁵HOBSBAWM, Op. cit., 1990, p. 146.

havam se enfrentado há apenas alguns anos atrás. A celeuma ocorreu na medida em que os irlandeses haviam sido alocados no mesmo Batalhão que os ingleses, os quais pareciam demonstrar ares de superioridade. Ocorria então uma certa intolerância por parte de ambos grupos, o que causou desentendimentos e alguns distúrbios da ordem. Frequentemente, os irlandeses procuravam juntar-se com os americanos, pois muitos destes tinham origem irlandesa²⁶.

Um caso singular foi o julgamento (secreto e ilegal) do capitão inglês George Nathan, efetuado também por um grupo de irlandeses das BI. Nathan, judeu, ex-militar do Exército inglês, servira na Irlanda como membro dos *Black and Tans*, um grupo especial encarregado de repressão durante a guerra civil na Irlanda. Na época da sua adesão às BI, Nathan justificou-se perante o comando, argüindo que na época apenas cumprira ordens e que já havia mudado seus princípios. Apesar da insistência de alguns radicais irlandeses em executá-lo, ele foi absolvido²⁷. A condição de Nathan como combatente antifascista prevalecera sobre sua antiga condição de repressor do nacionalismo irlandês? Acreditamos que em parte sim, mas também porque entre a maioria dos membros das BI criou-se uma outra identidade que, neste caso, reforçava a identidade antifascista. Uma identidade própria dos soldados, oriunda da reputação que um soldado adquire em combate junto com os outros combatentes. A reputação típica do militar, que coaduna todo um complexo código de normas, comportamentos, valores e atributos marciais que servem para balizar a diferença entre o militar e o civil. E essa diferença somente pode ser remarcada e legitimada em caso de guerra. Ou seja, como transparece na fala de John Keegan, com o intuito de destacar que para eles próprios *os soldados não são como os outros homens*²⁸.

Esta alteridade é ainda mais marcada se levarmos em conta que os internacionais eram, em sua maioria, comunistas e sendo assim também se sentiam superiores, pois tinham a missão suprema de elevar a humanidade a um estágio social mais avançado²⁹. Nestes termos, a guerra na Espanha se apresentava como uma luta apocalíptica entre o bem e o mal, na qual os voluntários das BI

²⁶ EBY, Cecil. Op. cit., p. 53-54.

²⁷ WYDEN, Peter. **La Guerra Apasionada**. Madrid: Alcor, 1996, p. 246-247.

²⁸ KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.16.

²⁹ CARROLL, Peter. **The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War**. California: Stanford University Press, 1995, p. 108-109.

representavam a vanguarda da história. Essa alta motivação dada pela consciência política, aliada ao comprometimento com a causa, e um ódio mortal ao inimigo contribuiu muito para a formação do *esprit de corps* das BI enquanto unidade de elite político militar³⁰. No caso específico de um oficial como Nathan destacam-se o respeito e o reconhecimento como “líder” que recebeu de seus subalternos, algo que não podia ser adquirido simplesmente pela patente e pelas insígnias de oficial, mas que devia ser “conquistado”. O inglês Nathan, como soldado, ganhou na luta o respeito dos seus comandados e, conseqüentemente, uma chance de reabilitação política.

Em seu depoimento, o voluntário brasileiro Delcy Silveira, que desempenhou funções de comando na linha de frente, esclareceu melhor os significados dessa complexa teia de relação entre os soldados e o seu comandante, principalmente nos momentos mais críticos da batalha:

No combate, eu tinha poder de vida e morte sobre eles [a tropa](...) Como comandante sempre fui exigente, mas justo, mantendo uma grande camaradagem com os meus comandados e companheiros. (...) No combate, o galão vale pouco, mas a confiança que se inspira nos comandados por sua atitude frente ao inimigo conta muito. (...) Infeliz o comandante que demonstra que está acovardado perante os seus soldados ...³¹.

Exigência, justiça, coragem, camaradagem, disciplina, confiança e atitude. Todos estes valores e atributos ético-morais do soldado estão presentes na fala do ex-combatente Silveira, exemplificando aquela identidade militar tão peculiar, que chamamos de *esprit de corps* e que entendemos também como significando:

(...) a integração e solidariedade oriundas do “encantamento afetivo” que nasce do poder admirar a si mesmo em seus pares e do sentimento

³⁰ Idem, Op. cit., p. 117-121

³¹ SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira**. POA: 2001, p. 3.

*de solidariedade que repousa sobre a comunidade de esquemas de percepção, de apreciação, de pensamento e de ação*³².

Esse “sentimento de solidariedade” entre os combatentes exacerbava-se na tênue precariedade da vida na linha de frente e inclusive conseguiu superar, em alguns casos, as diferenças ideológicas entre as esquerdas que grassavam na retaguarda e fragmentavam internamente o campo republicano: *En el frente (...) En primera línea, desaparecen las discrepancias políticas. El enemigo común, el fascismo, es el único punto de mira*³³.

Não obstante, muitos voluntários internacionais, principalmente os não comunistas, chocaram-se ao ver o monolitismo político e a rigidez dogmática do alto comando e dos quadros das BI. O dirigente comunista italiano Luigi Longo era um dos encarregados de enfrentar os problemas decorrentes de indisciplina, os quais foram sendo resolvidos a muito custo. Assim, tanto os soldados podiam recusar-se a receber as ordens, quanto certos oficiais inexperientes que se negaram a exercer plenamente o seu comando. Logo, o comissariado geral manifestou a necessidade de impor uma rigidez disciplinar implacável.

Nas próprias palavras de Luigi Longo, comissário-geral das BI em 1937: (...) *solamente una formación militar bien organizada y disciplinada puede derrotar al enemigo, y que es necesario fundir en un bloque homogéneo, indisoluble, los temperamentos, los intereses particulares y nacionales*³⁴. Frente a urgência da luta não havia muito espaço para veleidades pessoais ou grupais em meio a tal contexto. Interessante notar que, na fala de Longo, os “interesses nacionais”, elemento constitutivo da identidade antifascista, foram rebaixados e colocados praticamente no mesmo patamar que os “interesses particulares”. Ao longo do seu livro, escrito depois da guerra, ele descreveu a sua preocupação na época em evitar, ou minimizar, o surgimento de diferenças “nacionais” ou políticas, imprimindo um caráter orgânico e coeso às Brigadas. Dada a verticalidade e a estrutura hierárquica, os rebeldes ou insubordinados teriam de submeter-se obrigatoriamente à disciplina das BI, que se

³² CASTRO, Celso. **Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 38.

³³ VIVES, Francisco de Cabo **Un Poumista en las Brigadas Internacionales**. [online] <http://www.fundanin.org/cabi.htm>. (18/10/2001).

³⁴ LONGO, Luigi. Op. cit., p. 60-61.

não fosse pela palavra e o cansativo trabalho ideológico dos comissários políticos seria, em último recurso, pela repressão direta³⁵.

Mas, se os “interesses nacionais” eram considerados por alguns dirigentes das BI como um fator “menor” em relação a luta antifascista, porque eles teimavam em aparecer? Talvez em função do seu dogmatismo político os dirigentes das BI não soubessem como responder a essa pergunta. Mas certamente sentiam que era necessário agir com cautela para evitar maiores desentendimentos entre as diversas nacionalidades que integravam as BI. Se por um lado deveriam tolerar ou aceitar certas manifestações de índole nacional dentro dos limites do espírito frente-populista, por outro deveriam impedir que estes indicativos de nacionalidade ultrapassassem o antifascismo e o internacionalismo, aos quais deveriam estar sujeitos.

Neste sentido, são reveladoras as palavras do comissário geral das BI no texto seguinte, e que mostram como foi complexa a construção das BI devido a pluralidade político-ideológica e nacional, além do temor que as divergências nacionais pudessem quebrar a unidade orgânica das Brigadas:

Para cortar cualquier motivo de sospecha o desacuerdo político se proibe en las formaciones militares de los voluntários internacionales el uso de cualquier insignia o distintivo de partido (...). La bandera española es nuestra bandera oficial (...). Por el momento se tolera el uso de la bandera roja – sin inscripciones o símbolos de partido – como símbolo de la solidaridad internacional³⁶.

Mas há ainda outras preocupações expressas no texto: a de minimizar a presença comunista nas BI e realçar a lealdade com a Espanha. Pois deveriam convencer os republicanos espanhóis não comunistas de que os voluntários internacionais estavam comprometidos com a luta dos espanhóis contra a intervenção do fascismo e não atendendo aos interesses estratégicos da URSS. Claro está que independentemente das ordens expressas pelo comando das BI, as diversas unidades

³⁵ MATTHEWS, Herbert. L. **Metade da Espanha Morreu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 209-210.

³⁶ LONGO, Luigi. Op. cit., p. 58.

ainda encontravam alternativas ou criavam espaços de resistência para poder expressar suas nacionalidades. Desde o início da GCE e antes mesmo da criação das BI, os voluntários estrangeiros agrupados nas diversas milícias sentiram a necessidade de afirmar suas identidades nacionais enquanto estrangeiros de várias formas, porém destacando primeiramente a índole da luta antifascista, à qual estavam “internacionalmente” ligados.

Embora proibidas, as mais básicas demonstrações de identidade nacional foi a colocação de um rótulo indicativo de nacionalidade nas bandeiras e estandartes das milícias nas quais estavam concentrados os grupos nacionais. Outro indicativo de nacionalidade presente era o nome escolhido pela milícia que geralmente homenageava algum personagem revolucionário ilustre do país em questão, vivo ou morto. O nome podia também evocar alguma data ou acontecimento ligado à tradição revolucionária do país. Com a consolidação das BI, esta tendência de marcar a identidade nacional continuou. O agrupamento dos voluntários em nível de Brigada, por parte do comando das BI, seguia uma ordem lingüística principalmente por questões referentes ao bom funcionamento da organização militar. Afinal de contas, havia mais de 54 nacionalidades representadas nas BI e aproximadamente 20 línguas diferentes sendo faladas no conjunto. Nem todas as nacionalidades poderiam ter sua representação única: isto era um privilégio dos grupos nacionais mais numerosos.

As unidades menores, como companhias e pelotões, possuíam maior autonomia para escolher seus próprios nomes, representando uma escolha mais democrática e legítima dos heróis da classe trabalhadora. Por exemplo, os irlandeses, que se encontravam forçosamente inseridos dentro da XV BI, de maioria britânica, formaram a “*James Connolly Section*”, homenageando o mártir da causa nacional irlandesa, morto em 1916 pelos ingleses.

Como toda organização militar, as BI necessitaram de uma série de atributos marciais que lhe conferissem um caráter tipicamente militar, e considerando que foram uma criação sem precedentes e com boa parte de seus membros oriunda da vida civil, foi necessário desenvolver rapidamente uma série de características e códigos militares típicos de um exército: saudação regulamentar, marchas, bandeiras, uniformes e insígnias. No entanto, estes aspectos deveriam diferenciar as BI de um

exército “burguês” e marcar seu caráter popular e antifascista acima de tudo. Logo, a continência militar viu-se substituída por uma adaptação militarizada da saudação frente-populista com o punho fechado, símbolo originário dos comunistas alemães em oposição à mão espalmada dos nazi-fascistas, conhecido por “saudação romana”³⁷.

As insígnias militares, fator essencial na identificação da hierarquia e das especializações dos militares, também refletiu nitidamente o caráter antifascista. O símbolo principal das BI foi a estrela de três pontas, que identificava a união da Frente Popular. A adoção inicial da cor vermelha nas bandeiras militares dos batalhões e companhias das BI pareceu uma escolha óbvia. Além disso, conforme Hobsbawm, tanto dentro como fora do movimento comunista, a combinação da cor vermelha com as bandeiras nacionais era genuinamente popular³⁸. Houve, no entanto, algumas exceções à regra. As companhias norte-americanas freqüentemente utilizaram a cor azul de fundo e os irlandeses, a verde, cores “nacionais” de ambos países. Nada de estranho, pois o próprio PC dos EUA considerava o comunismo como o americanismo do século XX³⁹, enquanto entre os irlandeses das BI havia um importante número de nacionalistas militantes do IRA que ocupavam posição de destaque hierárquico, como Frank Ryan. Com a integração oficial das BI no recém criado Exército Popular Republicano (EPR), houve uma tentativa de unificar as bandeiras de acordo com os padrões estabelecidos pelas normas do Exército Popular Republicano (EPR). Evidenciou-se, portanto, um processo de incipiente de “hispanização” das BI.

Outro importante fator de identificação simbólica antifascista e nacional foram hinos e marchas, fossem eles “revolucionários” ou “nacionais”, sendo que muitos possuíam este duplo caráter. Era o caso da Marselhesa, pois além de ser o primeiro e o mais famoso hino revolucionário da idade contemporânea, escrito em 1792 por Rouget de Lisle, também é o hino nacional francês. Suas vibrantes estrofes possuíam o forte apelo revolucionário do antigo nacionalismo jacobinista provocando um efeito emocional profundo. Vejamos um relato a respeito, no depoimento de Delcy Silveira: *O ambiente era pesado. A nossa direita, encontrava-*

³⁷CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. **Ejército Popular Republicano 1936-1939. Uniformes y Pertrechos**. Madrid: Almena, 1997, p. 33.

³⁸HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 174.

³⁹HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., 1990, p. 174

*se uma unidade francesa. Em determinado momento um clarim tocou A Marselhesa; foi algo indescritível e emocionante, levantando o moral dos combatentes*⁴⁰. A vívida descrição daquele momento de emoção não foi proveniente de um francês, mas sim de um brasileiro, igualmente tocado por aquele ícone duplamente simbólico, nacional-patriótico e internacional-revolucionário, que sintetizado na Marselhesa parecia adequado e representativo da mística do movimento antifascista.

Contudo, o hino mais propagado era obviamente “A Internacional”. Este hino, escrito por Eugéne Pottier em 1871 e musicado por P. Degeyter, encontrava-se ancorado na tradição mais próxima da luta do proletariado e das classes subjugadas na Europa: datava da época da Comuna de Paris. Sua adoção como hino da URSS, em tempos de Lenin, legitimava seu perfil de “hino condutor das massas populares” e símbolo da luta de classes internacional. Cada grupo nacional o cantava em sua língua nativa e era secundado pelos seus próprios hinos nacionais⁴¹. No livro de canções das BI, “A Internacional” aparecia traduzida em treze idiomas: francês, espanhol, alemão, italiano, dinamarquês, sueco, holandês, inglês (versões inglesa e norte-americana), hebraico, tcheco, servo-croata, polonês e russo⁴².

Além disso, alguns grupos nacionais compuseram hinos para as suas unidades dentro das BI. Esses hinos não poderiam carecer do mesmo caráter identitário antifascista e nacional, como o hino dos combatentes norte-americanos:

*We march, Americans,
To defend our working class,
(...)To uphold democracy,
We give our word, they shall not pass.
No Pasarán!*⁴³

Outro hino com estrofes carregadas de apelos nacionalistas e antifascistas era a canção da XII Brigada Internacional, de maioria italiana. Seus combatentes, os

⁴⁰ SILVEIRA, Delcy. 1995, p. 44.

⁴¹ EBY, Cecil. Op. cit., p. 40.

⁴² COMISARIADO GENERAL DE LAS BRIGADAS INTERNACIONALES. **Canciones de las Brigadas Internacionales**. Buenos Aires: Adunar, 1971, p. 136.

⁴³ “Adiante, norte-americanos, para defender nossa classe operária, (...) em suporte da democracia, prometemos que não vão passar! Não vão passar! Prometemos que não vão passar!”. Estrofe do hino oficial do “Batalhão Abraham Lincoln”, in: EBY Cecil. Op. cit., p. 41-42.

chamados “garibaldinos”, antifascistas de primeira ordem e considerados apátridas devido a sua condição de refugiados sem cidadania deviam vislumbrar nas estrofes da canção o retorno à terra pátria livre do *fascio*:

*Por la victoria del pueblo español
(...) Hijos de acero del pueblo italiano;
Tras los mares en la esclava Itália,
vuestrós hermanos que el fascio aplastó
saben que vuestra victoria en España
será la aurora de su liberación*⁴⁴.

Podemos referir ainda um outro fator de identificação entre os grupos formadores das Brigadas: as denominações ou títulos adquiridos pelas unidades nacionais nas BI. Como já dissemos anteriormente, cada unidade ou grupo procurou identificar-se com uma denominação que simbolizasse o comprometimento com a luta antifascista e nacional-revolucionária. Como John Keegan escreveu ao tratar de uma outra unidade político-militar de elite⁴⁵, a criação de títulos e nomes das formações militares também eram elementos importantes na construção de um *esprit de corps* de uma unidade militar. Ao evocar uma origem no passado com a qual se identificassem, buscavam legitimar-se como os novos herdeiros de uma longa tradição de lutas.

A escolha do nome da unidade requeria a utilização de um figura, ou ícone geralmente relacionada a tradição histórica de resistência das classes populares em cada país. Logo, podemos dizer que especificidades nacionais concretas direcionaram a escolha de um elemento simbólico que melhor pudesse representar o conjunto complexo de identidades presentes no antifascismo. Contudo, nem todos os grupos nacionais podiam contar com uma história nacional revolucionária tão rica e farta como a francesa, por exemplo. Não faltavam aos franceses (de longe o maior grupo dentro das BI) “heróis proletários” e mitos revolucionários “nacionais” de

⁴⁴ Comisariado General de las Brigadas Internacionales. Op.cit, 1971, p. 82. Interessante destacar que a XII BI era a única das Brigadas onde os comunistas não tinham maior preponderância.

⁴⁵ Keegan trabalhou com as *Waffen SS*, o braço político militar multinacional das temidas *SS* alemãs. As *Waffen SS* seriam uma espécie de “negativo inverso” das BI: sua causa era o anticomunismo. KEEGAN, John. **The Waffen SS**. New York: Ballantine, 1970, p. 135.

amplitude internacional suficientes para batizar seus Batalhões e Companhias. Pode-se dizer o mesmo dos ingleses, cuja longa história de luta de classes remontava aos primórdios da Revolução Industrial. A escolha dos seus “heróis nacionais” caía naturalmente sobre os organizadores do sindicalismo e líderes do trabalhismo inglês do século XIX e XX.

Havia, no entanto, certos casos em que a identidade antifascista ou nacional-democrática teve de ser construída, ou inventada, sem uma base concreta mais plausível. Nem tanto por falta de personagens históricos “fundadores”, mas em virtude de que certos personagens autenticamente revolucionários não se adequavam à orientação ideológica presente na URSS dos tempos stalinianos, o que se refletia no posicionamento ideológico dos PC’s, na *Komintern*, e nas BI. A criação deste imaginário político obedecia estritamente aos propósitos de legitimação do programa político e ideológico do antifascismo. Ou seja, a imagem podia ser construída ou modificada de acordo com os parâmetros estabelecidos pela *Komintern*, freqüentemente a fim de mediar as variadas correntes políticas presentes na Frente Popular antifascista. Parece-nos o caso dos comunistas norte-americanos que, afim de tornar o comunismo mais aceitável frente à conservadora sociedade americana e legitimá-lo como uma manifestação autêntica do “espírito democrático” dos EUA, tiveram de recorrer a dois mitos de origem do “americanismo”: George Washington e Abraham Lincoln, os *founding fathers* da nação norte-americana⁴⁶, em vez dos líderes operários⁴⁷.

Todavia, muitos dos nomes escolhidos para algumas unidades das BI pertenciam a dirigentes e lideranças que estavam vivos e alguns até dentro das BI, como André Marty, o Comandante geral das BI. Marty, comunista histórico, era um modelo no qual os militantes deveriam se espelhar e pautar sua conduta⁴⁸, corroborando com o espírito de culto a personalidade típico do stalinismo.

Em contrapartida a estas tentativas e “fabricações” de heróis e modelos ideais cabe-nos destacar a postura ética de um líder que soube impedir com sutileza a cooptação da sua imagem. Sabe-se que em determinado momento da Guerra Civil

⁴⁶ EBY, Cecil. Op. cit., p. 26.

⁴⁷ Até porque os heróis do proletariado nos EUA eram anarquistas e socialistas. Ver CARROLL, Peter. Op. Cit. p. 73 e ss.

⁴⁸ FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002, p. 77 e ss.

Espanhola se propôs a escolha do presidente mexicano Lázaro Cárdenas como homenageado para nomear um Batalhão do Exército republicano ou talvez das BI. Ao ser consultado sobre a questão, Cárdenas respondeu da seguinte forma:

Agradezco profundamente el honor que se me ofrece, pero rogaría atentamente al comandante de la división me permitiera declinar su ofrecimiento, pues considero que no puede emitirse juicio sobre hombres que aún se encuentran en le ejercicio de sus responsabilidades públicas sino hasta que su obra haya sido terminada y juzgada por la historia⁴⁹.

Assim, Marty foi julgado não somente pela história mas também pelos próprios comunistas franceses, que o expulsaram do PCF em 1952. O antigo “herói do Mar Negro” converteu-se numa vítima do próprio sistema repressivo stalinista que havia ajudado a implantar com tanto zelo. Nos livros dos autores comunistas das décadas de 1950 e 1960, o Batalhão que outrora levava seu nome aparecia apenas como “Batalhão Franco-Belga”. Parafraseando César Vidal, mais uma vez se reinventava o passado para criar um novo futuro⁵⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS. **La Solidariedad de los Pueblos con la República Española 1936-1939**. Moscú: Progreso, 1974.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BAUMANN, Gino Gerold. **Los Voluntários Latinoamericanos en la Guerra Civil Española**. San José: Guayacán, 1997
- CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. **Ejército Popular Republicano 1936-1939: Uniformes y Pertrechos**. Madrid: Almena, 1997.
- CARROLL, Peter. **The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War**. California: Stanford University Press, 1995.
- CASTRO, Celso. **Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- COMISARIADO GENERAL DE LAS BRIGADAS INTERNACIONALES. **Canciones de las Brigadas Internacionales**. Buenos Aires: Adunar, 1971.
- DIMITROV, Jorge. **El Frente Único, Vigencia Actual**. México: Cartago, 1983
- EBY, Cecil. **Voluntarios Norteamericanos en la Guerra Civil Española**. Barcelona: Acervo, 1974.
- FERNANDEZ, Jorge C. **“Voluntários da Liberdade” : Militares Brasileiros nas Forças Armadas Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)** . Diss. de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

⁴⁹ BAUMANN, Gino Gerold. **Los Voluntários Latinoamericanos en la Guerra Civil Española**. San José: Guayacán, 1997, p. 150.

⁵⁰ VIDAL, César. **Las Brigadas Internacionales**. Madrid: Espasa-Calpe, 1998, p. 340.

- FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWM, Eric J. **A Era Dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1992.
- KEEGAN, John. **The Waffen SS**. New York: Ballantine, 1970,
- KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KREMER, Ilya Semyonovich. “O Comintern”. In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1973.
- LONGO, Luigi. **Las Brigadas Internacionales en España**. México DF: Era, 3 ed., 1977.
- MATTHEWS, Herbert. L. **Metade da Espanha Morreu**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1975.
- MORAES, João Quartim de. **A Esquerda Militar no Brasil: da Coluna à Comuna**. São Paulo: Siciliano, v. 1, 2 ed., 1994.
- PEREYRA, Carlos. **El Sujeto de la Historia**. Méjico DF.: Alianza Editorial, 1988.
- VIDAL, César. **Las Brigadas Internacionales**. Madrid: Espasa-Calpe, 1998.
- VIGEZZI, Brunello. “A Itália entra na Guerra”. In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1973.
- WYDEN, Peter. **La Guerra Apasionada**. Madrid: Alcor, 1996.

ENTREVISTA

- SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira**. POA: 1995. (Entrevista concedida a José Carlos Sebe Bom Meihy, cuja cópia foi cedida por Delcy Silveira a Jorge C. Fernández).
- SILVEIRA, Delcy. **Entrevista com Delcy Silveira**. POA: 2001. (Série de entrevistas concedidas a Claudira Cardoso, Daniel R. Milke e Jorge C. Fernández durante o mês de agosto-setembro de 2001, em áudio 420 min.) .

INTERNET

- VIVES, Francisco de Cabo **Un Poumista en las Brigadas Internacionales**. [online] <http://www.fundanin.org/cabi.htm>. (18/10/2001).